

APRESENTAÇÃO

Na busca incessante por se descobrir e entender o mundo que o rodeava, o homem, desde os primeiros passos de sua marcha evolutiva, lançou-se a aventuras exploratórias em que sua imaginação e a premência da autopreservação o fizeram enfrentar o inóspito, superar o desconhecido, fomentar desejos. O homem crescia e, junto com ele, crescia o mundo das coisas materiais e imateriais. Ganhou força, desenvolveu talentos e competências, forjou pensamentos, adquiriu emoções. Impelido pela necessidade absoluta de seguir adiante, fez-se construtor de si mesmo. Experimentou, inventou, edificou e destruiu universos; criou e modificou recursos e mecanismos que lhe garantiram ser o dono do próprio destino. Na avassaladora ação do tempo, o elemento humano formou-se e transformou-se. Na imperiosa procura por uma vida efetiva, o homem idealizou-a, desenhou-a, pintou-a e sobre ela ergueu os pilares que sustentaria seu espírito, seu psiquismo, sua mente.

Os séculos avançaram e, na velocidade do tempo que passava, o conhecimento assumia a centralidade das discussões; a humanidade expandia sua visão de mundo, incrementava seu intelecto.

O século XX nos reservou um feixe extraordinário de inovações. Mudanças radicais romperam velhos ditames, quebraram corroídos grilhões, derrubaram desgastados paradigmas. À época, vivia-se a perplexidade do novo. A educação, as ciências, as artes, a cultura, a sociedade foram invadidas pela voracidade do dinamismo das máquinas, que anunciavam uma nova era: surgia o anseio incontrolável pelo tecnicismo, que se revelaria em diversas vertentes e se sedimentaria em diferentes áreas do conhecimento. O homem contemporâneo via-se aturdido por um turbilhão de novidades. Espalharam-se ideias, alargaram-se possibilidades, estabeleceram-se perspectivas jamais imaginadas. Fervilhavam por toda parte sentimentos expansionistas que provocariam grandes reviravoltas no cotidiano da humanidade. A tecnologia aparecia para demonstrar a insuperável capacidade de criação que repousa na condição humana e no inesgotável veio do conhecimento.

Na atualidade, vivemos em meio a uma desafiadora realidade, já que somos, diariamente, assolados por uma criatividade que escapa, muitas vezes, ao plausível. Os limites entre o possível e o impossível não mais existem; existe o dom da projeção – o vislumbre incontido do futuro. Na infindável fonte de experimentos, invenções e produtos imprevisíveis e quase improváveis, vemo-nos frente a caminhos que instigam nossa imaginação, que realizam nossas vontades, que soltam as amarras de nossos entraves. A alta tecnologia inaugurou uma nova lógica. A tecnologia não tem fronteiras e, dela, emergiu o fenômeno da globalização. Revolucionou as comunicações, impulsionou a educação,

democratizou as informações, enfronhou-se em diferentes ciências, fez nascer a cultura de massas. As máquinas, as mídias, as redes sociais transformaram o mundo local, aproximaram os homens, diminuíram o isolacionismo, eliminaram a barreira da distância. E nesse contexto, tão extenso, robusto e volátil, como pensar na posição que ocupa e no papel que desempenha o indivíduo cego ou com baixa visão?

Tal interrogação nos remete a conceitos que, nas últimas décadas, vêm assumindo lugar de destaque na sociedade, na esfera educacional, no meio científico: acessibilidade, inclusão e cidadania. É importante não vê-los como meras palavras ou instrumentos de articulação de discursos políticos ou ideológicos. Esses conceitos cristalizam direitos adquiridos que precisam ser legitimados por práticas verdadeiramente conscientes e consequentes. O movimento mundial pela inclusão vem trazendo à pessoa com deficiência visual acesso à contemporaneidade. A cada máquina criada, a cada equipamento disponibilizado, a cada método ou programa desenvolvido, o indivíduo com deficiência conquista maior autonomia, seu déficit ou privação encontram menos obstáculos a transpor.

A tecnologia assistiva, como uma via que assegura a acessibilidade e a inclusão, fatores que, claramente, alimentam a cidadania, ganhou espaço para que diferentes vozes fossem ouvidas, para que diferentes temas fossem veiculados, para que diferentes propostas fossem analisadas. Eis a importância do **I Simpósio Nacional de Tecnologia Assistiva do Instituto Benjamin Constant** (2015).

A diversidade de ideias, a competência incontestada de profissionais e o compromisso de todos diante dos reclamos pela construção de uma sociedade realmente inclusiva evidenciaram o tom desse encontro, que contou com a participação de palestrantes convidados e profissionais/acadêmicos de diversas regiões do Brasil. Esse foi, sem dúvida, um momento ímpar para a troca de conhecimentos e a difusão de pesquisas relacionadas às novas tecnologias que favorecem a inclusão educacional e social das pessoas cegas, com baixa visão e surdocegas. O certo é que, de 1825 a 2015, desde a criação do Sistema Braille (primeiro recurso assistivo para a escrita e a leitura dos cegos) até a invenção de máquinas de última geração, abriram-se muitas oportunidades para a pessoa com deficiência visual, com o devido acesso à informação, à educação, à cultura, ao lazer e ao trabalho. Assim, com esta edição especial da *Benjamin Constant*, contemplam-se muitos desses trabalhos apresentados, com vistas a transformar a efemeridade da comunicação informal em algo mais duradouro.

Maria da Gloria de Souza Almeida